

A virtude moral é adquirida pelo hábito (1103 a 14 – 1103 b 25)

Os dois tipos de excelência: virtudes éticas e virtudes intelectuais.

As excelências morais não são produtos da natureza.

Primeiro argumento: a virtude não é dom da natureza e também não é contra a natureza. “A perfeição moral consiste, pois, no desenvolvimento harmonioso de uma forma que nenhum acontecimento exterior ou histórico venha contrariar” (GJ, p. 109). GJ relaciona esta passagem com a *Metafísica*, 1046 a 36 - b 24 (GJ, 108): potências racionais, potências atualizadas em direções contrárias, (caso do ethos, no qual há uma margem de indeterminação) e potências irracionais, atualizadas em um só direção (caso da natureza, a pedra se movimenta naturalmente para baixo, e o fogo, para cima).

Segundo argumento: “aquilo que possuímos, por natureza, está em nós, primeiramente, no estado de capacidade, de potência, e, em seguida, exercitamos os atos; quando se trata das virtudes, ao contrário, começamos por exercer as atividades, e é este exercício que nos confere a potência”. (GJ, 109). Esta passagem é referida a *Metafísica*, 1047 b 31 - 35, na qual abordam-se as três classes de potência: 1) potência inata, os sentidos, por exemplo (*potência irracional*), 2) potência resultante do costume (tocar flauta) e 3) potência resultante do estudo (as técnicas), potências adquiridas. As potências 2) e 3) são *racionais*. No caso dessas últimas (2 e 3), é necessário uma atividade efetiva *anterior* para que a potência seja estabelecida (*προενεργήσαντας*).

Potência inata	Potência resultante do hábito	Potência resultante do estudo
συγγενής (inata)	ἔθος (costume)	μάθησις/λόγος (estudo, razão)
Potência irracional	Potência racional	Potência racional
Potência natural	Potência adquirida pela ἐνέργεια	Potência adquirida pela ἐνέργεια
Natureza (φύσις)	Cultura/Cidade-Estado (πόλις/νόμος)	Cultura/Cidade-Estado (πόλις/νόμος)

Assim sendo, a atividade sedimentada no costume determina a direção da potência racional a ser atualizada, como é o caso das excelências ou deficiências morais.

- O testemunho dos legisladores (νομοθέται)² confirma o primeiro e o segundo argumentos, porque os legisladores incentivam a ἐνέργεια apropriada para a realização

1 As observações seguintes são extraídas de Aristote. *L'Éthique a Nicomaque*. (Introdução, tradução e comentário de René A. Gauthier e Jean Y. Jolif). Louvain, Publicatios Universitaires, 1970. (Tome II, Première Partie; Commentaires, Livres I-V; de agora em diante, abreviado como GJ com a indicação da página.

2 οἱ γὰρ νομοθέται τοὺς πολίτας ἐθίζοντες ποιοῦσιν ἀγαθοῦς, Os legisladores formam os cidadãos acostumando-os às boas ações, 1103 b 3 -4.

da ἀρετή.

- A atividade e o hábito dela resultante podem engendrar a virtude e o vício, já que virtude e vício são atualizações de potências racionais, i. e., potências de contrários. Daí, a conclusão: os hábitos ou disposições (ἔξεις) – bons ou maus; vícios ou virtudes – resultam de ἐνέργειαι correspondentes aos hábitos bons ou maus, i. e., vícios ou virtudes. Daí, também, a importância da educação, pois ela qualifica a ação, da qual resulta um hábito específico.

- A virtude ética deriva do ethos (costume). O ethos é, na realidade, héxis, hábito, pois ele é o resultado das atividades, ações freqüentemente repetidas. A atuação do ethos ou repetição freqüente do ethos (=acostumar-se), mediante a atividade, significa a negação do caráter abstrato do ethos e sua concretização e cristalização em uma héxis, o ethos tornado propriedade do indivíduo mediante o acostumar-se. Este hábito pode ser positivo ou negativo: ethos > enérgeia > héxis (+/-).

Livro II, 2

Quais ações são necessárias para tornar-se virtuoso?

As três regras principais

A primeira regra: O excesso e a falta corrompem, enquanto o simétrico e moderado fazem, aumentam e salvam a saúde (1104 a 1- 1104 b 3).

A coragem e a temperança são exemplificações do que é dito. A virtude, uma vez adquirida e tornada hábito, é exercitada nas mesmas (ἐν τοῖς αὐτοῖς) ações que lhe deram origem. O ser humano de grande vigor físico é o mais capaz de realizar aquelas ações mediante as quais ele se tornou fisicamente vigoroso. Novamente a coragem e a temperança são tomadas com exemplo do que foi dito.

Livro II, 3

A segunda regra: O prazer ou o sofrimento superveniente às obras é um sinal da qualidade de nossos hábitos. Ações acompanhadas de alegria são virtuosas, aquelas associadas com tristeza, más ações (1104 b 3 – 1104 b 8).

A terceira regra: Praticamos más ações em razão do prazer, e nos afastamos de belas ações em virtude do sofrimento (1104 b 8 – 1104 b 11).

Platão já chamava atenção para o fato de que a educação desde a mais tenra idade leva as crianças a acostumá-las àquilo que deve provocar prazer e sofrimento. Esta é a

educação correta (ἡ ὀρθὴ παιδεία) (1104 b 11- 13).

Livro II, 4

A diferença entre técnica e virtude implica três condições para a realização de atos virtuosos: a) conhecimento; b) intenção (diz respeito ao fim); c) firmeza, inabalável (a ação virtuosa é resultado de hábitos cristalizados e sedimentados e não de uma disposição passageira) (1105 a 26 – 1105 b 5). Exemplificação da diferença ilustrada pelas ações do justo e do moderado (1105 b 5 – 9).

Livro II, 5

Gênero da virtude moral (1105 b 19 – 1106 a13)

O que é a excelência, em seu gênero: emoções ou afecções (πάθη), faculdades (δυνάμεις), disposições ou hábitos (ἔξεις)? Por emoções Aristóteles entende medo, cólera, inveja, etc. Não somos louvados ou chamados bons (excelência moral) ou censurados ou considerados maus (deficiência moral) pelo fato de sentir tal emoção (ira) ou tal emoção (medo), mas sim em razão da maneira como vivenciamos os sentimentos.

A excelência moral é fruto da escolha ou envolve escolha, ao passo que nossas afecções são vivenciadas independentemente de nossas escolhas.

Costuma-se dizer que somos movidos por ocasião das afecções que recebemos, enquanto que a respeito da excelência ou deficiência moral não somos movidos, mas dispostos de certa maneira.

Por faculdades Aristóteles entende “as faculdades em virtude das quais dizemos que somos capazes de sentir emoções (παθητικοί)” (1105 b 23 – 24) : a faculdade de ficar encolerizado, por exemplo. Pelos mesmo motivos alegados acima a respeito das emoções, não somos louvados ou censurados pelo simples fato de ter a faculdade de sentir. Essa faculdade vem por natureza, ao passo que a excelência ou deficiência moral não é obra da natureza.

Portanto, no seu gênero (τῷ γένει, 1106 a 12), a excelência ou deficiência moral é uma disposição.

Livro II, 6

Virtude moral: sua espécie (1106 a 14 – 1107 a 27)

Devemos determinar a espécie de hábito ou disposição característica da excelência moral. Pois, a boa disposição torna um homem bom e o faz desempenhar bem sua obra (ἔργον , 1106 a 16).

A excelência moral proporciona o meio termo entre os extremos, mas um que é para nós, e não um absoluto, um para o objeto. Lembrando os pitagóricos, o bem (τὸ ἀγαθόν) pertence ao limitado (πεπερασμένος), enquanto o mal (τὸ κακόν) está associado ao ilimitado (ἄπειρος). Daí, portanto, é possível entender os seguintes fatos. Em relação ao meio termo: acertar de uma só maneira e ser difícil de acertar o alvo. Com relação à carência e ao excesso: errar de muitas maneiras e ser mais fácil afastar-se do alvo.

Concluindo, afirma Aristóteles sobre a virtude moral: “A excelência [moral] é, então, uma disposição deliberadamente escolhida, estando no meio termo relativo a nós e determinado pela razão, graças à qual um homem dotado de discernimento o determinaria” (Ἔστιν ἄρα ἡ ἀρετὴ ἕξις προαιρετικὴ, ἐν μεσότητι οὖσα τῇ πρὸς ἡμᾶς, ὠρισμένη λόγῳ καὶ ᾧ ἂν ὁ φρόνιμος ὀρίσειεν, 1106 b 36 – 1107 a 2).